

Da Escravidão ao Bolsa-Família.

A ESCRAVIDÃO.

Começemos com uma pergunta:

-Por que a nossa população carente é tão numerosa? São mais de 40 milhões de pessoas, em um universo de cento e noventa.

A explicação pode ser encontrada na escravidão que habitou entre nós. Inacreditavelmente, a maior escravidão jamais vista em qualquer país¹: pelo número de escravos, pelo seu tempo de duração e por sua representatividade na economia colonial brasileira. Nenhum país do mundo teve mais de 90% de sua produção em mãos cativas por mais de três séculos seguidos. Nem o Império Romano.

-Por quê?

Convido o leitor a dar um passeio pela história e analisar como tudo aconteceu.

Portugal era um país muito pequeno, de pouca expressão, de costas para o continente europeu e voltado para o mar, que não conhecia nem dominava. Mas, em 1415, após a conquista de Ceuta, um príncipe visionário, o Infante Dom Henrique (1394 –1460), criou a Escola de Navegação de Sagres. Não era uma instituição nos padrões clássicos. Na verdade, era um grande centro náutico, no qual barcos eram ancorados, abastecidos, construídos ou reparados. O patrono dos grandes descobrimentos importou astrônomos, cartógrafos, patrocinou professores e pilotos de navegação. Dizem que plantou árvores apropriadas à construção de navios. Até então, a navegação que se fazia era costeira, com a utilização de algumas velas e de muitos remos. As correntes do Atlântico não eram dominadas, não havendo incursões em alto mar. Em terra, dois poderes governavam: o Rei e a

¹ Se algum leitor tiver conhecimento de outra escravidão que tenha sido mais representativa do que a brasileira, por favor, conteste a afirmação supra, se possível pelo blog que apresenta este artigo, com os meus agradecimentos. Nos Estados Unidos a escravidão se concentrava no Sul e foi um dos motivos da guerra civil. A escravidão não traz prosperidade. Traz, sim, o enriquecimento de alguns.

Igreja. A Inquisição² estava em franca atuação, queimando judeus, porque haviam crucificado Jesus, e muçulmanos que ainda ocupavam parte da península ibérica. A tecnologia de navegação apresentava um aspecto delicado porque a Igreja não tolerava quem acreditasse que a terra pudesse girar em torno do sol e a boa ciência náutica partia exatamente deste princípio. Desta forma, os grandes cartógrafos e astrônomos recrutados por Dom Henrique eram “convertidos”, “batizados” com nomes cristãos, que lhes pudesse servir de disfarce. Como consequência deste esforço, um navio de grande porte, de origem árabe, foi aperfeiçoado: a nau³, de velas redondas, com dois, três ou quatro mastros, podia levar até 120 canhões. E foi desenvolvida a caravela, um navio de médio porte, com três mastros e velas triangulares, de pequeno calado, ágil e rápido, que podia bordejar a costa com facilidade e bolinar em situação de vento desfavorável. Ou seja, avançar em zig-zag contrariando os ventos. A nau e a caravela revolucionaram a navegação, permitindo as aventuras oceânicas. Foram eliminados os remos e os remadores e, em seu lugar, foram colocadas tropas e canhões ou grandes carregamentos.

O cabo Branco foi atingido em 1441 por Nuno Tristão e Antão Gonçalves. A baía de Arguim, em 1443, com consequente construção de uma feitoria em 1448. Dinis Dias chegou ao rio Senegal e dobrou o Cabo Verde. Em 1444, a Guiné foi visitada. Assim, os limites ao sul do grande deserto do Saara foram ultrapassados. A partir daí, Dom Henrique atingiu um dos seus objetivos: atrair rotas de comércio do Saara e ter acesso às riquezas da África Meridional. E, como consequência, em 1452, a chegada de ouro já era em suficiente quantidade para que se cunhassem os primeiros cruzados neste metal.

²Criada em 1184 como consequência do Concílio de Verona, a Santa Inquisição foi institucionalizada pelo Papa Gregório IX em 20 de Abril de 1233 para erradicar a heresia dos cátaros.

³As naus eram imponentes e de armação arredondada, de grande porte, com castelos de proa e de popa, dois, três ou quatro mastros e com duas ou três ordens de velas sobrepostas. Traziam velas latinas no mastro da ré. Diferentes das caravelas, *galeões* e *galés*, as naus tinham, em geral, duas cobertas. No século XVI já tinham tonelagem não inferior a 500. Segundo o Padre Fernando de Oliveira, no seu livro *Livro da Fábrica das Naus*, no auge da Carreira da Índia as naus podiam chegar a 600 toneladas.

Em 1492, a serviço do governo espanhol, Cristóvão Colombo zarpu das Ilhas Canárias rumo ao descobrimento da América com uma nau, Santa Maria, e duas caravelas, Pinta e *Niña*.

Em 1497, partiu Vasco da Gama para a Índia com três naus e uma caravela.

Em 1500, Cabral zarpu de Lisboa com dez naus e três caravelas, trazendo um total de 1500 pessoas.

Veja este texto extraído de Mãe África, p. 168 e seguintes:

“Em 1441, Antão Gonçalves, “guarda-roupa do Infante Dom Henrique e homem assaz de nova idade”, “por achar vergonhoso retornar à presença do Infante com tão pouco serviço prestado”, capturou nas costas do Senegal dois bérberes islamizados. Um deles era um nobre, de nome Adahú, através do qual Dom Henrique tomou “conhecimento de mui grande parte das cousas daquela terra”. As informações foram tão auspiciosas que o Infante enviou um embaixador a Roma para obter uma bula papal que lhe concedesse o monopólio do comércio com a África, e autorização para “fazer a guerra contra os infiéis, tirar-lhes as terras e escravizá-los”. O papa Eugênio IV assinou esta bula em 19 de dezembro de 1442, e Nicolau V a renovou em junho de 1452. Na viagem seguinte, em 1444, Antão Gonçalves capturou 200 negros e os levou como escravos para Lisboa. Neste mesmo ano, Nuno Tristão chegou à Guiné à procura de ouro e pimenta do reino. Vendo frustrar sua viagem, teve a ideia de comprar 80 cativos e vendeu-os na Nigéria, com grande proveito. No mesmo ano, Lanzarote de Freitas, outro português, fez como Tristão: comprou 235 servos na Guiné para vendê-los em Lagos, em 8 de agosto de 1444. Em 1469, Fernão Gomes ganhou do soberano luso o monopólio do tráfico. Assim, os portugueses descobriram o tráfico negreiro. É importante notar que, no princípio, os conquistadores lusos faziam o comércio. Quem escravizava o negro, milenarmente, eram os próprios reis das numerosas tribos africanas. Os europeus copiaram, na América, esta prática, com grande proveito. Em 12 de janeiro de 1510, chegou ao Caribe o primeiro navio negreiro e os colonizadores logo descobriram que o trabalho de um africano valia pelo de quatro índios.

Os primeiros escravos chegaram ao Brasil em 1548, mas o tráfico só foi sistematizado pelo Governador Geral Salvador

Correia de Sá vinte anos depois. Também os colonizadores lusos viram a superioridade do negro para o trabalho e começaram a deixar de escravizar os indígenas, com os quais se encontravam em franca miscigenação.”

Portugueses e espanhóis podiam escravizar, sob as bênçãos de Deus, para que os gentios fossem evangelizados⁴. A crença católica era obrigatória. E Santo Inácio de Loyola⁵, criador da Ordem dos Jesuítas, recebeu do Papa Paulo III a incumbência de evangelizar os povos conquistados por espanhóis e portugueses na América, na Ásia e na África. O mundo expandia.

Mas, Portugal não tinha gente em quantidade para explorar tão largo continente. Nem se toda a população do reino fosse mudada para o Brasil, ainda assim, a colônia continuaria despovoada. Diante desta realidade, o plano de colonização, implementado a partir de 1532 por meio das Capitanias Hereditárias, previa a completa ocupação da costa para afastar possíveis invasores; e proibia a exploração do sertão para que a colonização da costa fosse garantida. Diante desta imensa necessidade de povoação, a importação de escravos africanos foi a grande solução adotada. Estava começando a grande servidão brasileira. Segundo o escritor Alberto da Costa e Silva⁶, a grande escravidão só pode ser viabilizada se ocorrerem simultaneamente duas condições:

- primeira: o escravo deve ser arrancado de sua terra natal para um país longínquo, sem chance de retorno;
- segunda: a população escravizada deve falar numerosas línguas, de diferentes grupos tribais, dificultando qualquer associação em torno de possíveis líderes.

⁴ A Igreja usava a escravidão como meio de evangelização dos gentios. Quem importasse um escravo tinha um ano de prazo para batizá-lo. Embora a servidão humana fosse cruel, considerava-se que apenas o corpo era escravo, pois a alma é livre, conforme ensinamento de Santo Tomás.

⁵ Em 1540, o Papa Paulo III, diante de um mundo em expansão, necessitava de missionários para terras longínquas, como as Américas e o Oriente, e, a pedido de Inácio de Loyola concedeu a aprovação para o funcionamento da Ordem dos Jesuítas, à qual foi entregue a evangelização e a educação religiosa dos povos conquistados. Devido às atrocidades com os indígenas, Paulo III editou a "Bula *Veritas Ipsa*", contra a escravização dos mesmos, por serem capazes da fé em Cristo. Mas o Papa não proibiu a escravidão negra.

⁶ Historiador, ex-Embaixador brasileiro em vários países africanos; autor de *Um Rio Chamado Atlântico*; ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras.

No caso do Brasil estas condições ocorreram. A barreira transatlântica impediu o retorno dos africanos; e foram importados escravos de numerosas etnias. Isto não foi difícil, pois, na África moderna ainda subsistem 1753 línguas, representando o mesmo número de nações negras. Entre nós, este fato foi tão importante, que as numerosas línguas africanas serviram de obstáculo à comunicação entre os cativos, forçando-os à língua portuguesa. Em São Paulo, por volta de 1700, nas ruas as crianças ainda brincavam em tupi, que era nessa época a língua dominante. Mas, optando pela língua portuguesa, o negro definiu a brasileira. E, sendo ele analfabeto, aprendemos um português “errado”, não temos sotaque luso e sepultamos o que se chamava língua geral, o tupi-guarani, originalmente falado em toda a costa brasileira. O português “atrapalhado” que se fala no Brasil nos foi ensinado pela babá, pela mãe-de-leite e pela mucama que nos embalou.

Mas, vamos à outra explicação para o mesmo fato.

O português, diferente do norte-americano, não executava trabalhos braçais. Cito Mãe África, p. 235 e seguintes:

Este texto de Dimas Perrin mostra esta faceta da mentalidade portuguesa no século XVIII:

“Para a oligarquia dominante portuguesa, o trabalho manual era atividade indigna(...) Inácio José de Alvarenga Peixoto, filho de Simão de Alvarenga Braga e Ângela Michaela da Cunha, nasceu em 1744, no Rio de Janeiro. Estudou na Universidade de Coimbra, formando-se em advocacia em 1767. Em 12 de agosto deste mesmo ano, requereu ao Rei a concessão de certificado de “pátria comum” para lecionar na Universidade de Coimbra. No requerimento que apresentou, declarava ser de bons costumes, “limpo de sangue” e não ter nenhum parente, ascendente ou descendente, que exercesse ofício manual(...) Quem trabalhasse para ganhar a vida ou descendesse de quem assim procedesse ou houvesse procedido, não podia desempenhar qualquer função administrativa ou intelectual(...) Descobriu-se que um dos avós de Alvarenga, de nome João Ferreira Machado, gostava de esculpir imagens de madeira. Foi uma confusão danada. Instaurou-se uma severa investigação, apurando-se, afinal, que o ascendente do poeta trabalhava mesmo, mas não para ganhar dinheiro e, sim, por simples entretenimento. Assim,

o futuro inconfidente foi licenciado a 28 de abril de 1768, parecendo-nos, contudo, que não chegou a lecionar, pois, logo em seguida, foi nomeado pelo Marquês de Pombal para o cargo de Juiz de Fora, na Vila de Cintra. Como se vê, o trabalho manual era uma desonra para as ilustres famílias lusitanas do século XVIII. Sérgio Buarque de Hollanda é ainda mais enfático:

“É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente do ponto de vista da antiguidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais do que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa do que a contemplação e o amor”.

Em 21 de julho de 1674, com 600 homens, partiu de Taubaté Fernão Dias Paes Leme⁷, aos 66 anos, liderando a Bandeira das Esmeraldas, para acampar em Confins (na região metropolitana de Belo Horizonte, ao lado do aeroporto Tancredo Neves), onde Matias Cardoso de Almeida⁸ já o esperava, com roça plantada para alimentar a expedição; desceu o rio das Velhas até o São Francisco; rio abaixo, conheceu o sertão mineiro tendo passado pela foz do Paracatu e do Urucuia, no Norte de Minas. Após sete anos de viagem, Fernão Dias morreu de febre. No retorno a Taubaté, com os restos mortais do líder, Manoel Borba Gato se retirou da bandeira para

⁷ Aos 14 anos, Garcia Paes acompanhou a Bandeira, retornando a São Paulo com os restos mortais do pai, Fernão Dias, para sepultá-lo onde hoje é a Catedral da Sé. Mais tarde, regressou a Minas para implantar trechos da Estrada Real, ligando Ouro Preto a Paraty. Foi sogro de Antônio Rodrigues Velho, bandeirante fundador de Pitangui e bisavô de Inácio de Oliveira Campos, marido de dona Joaquina do Pompéu, bisavó de meus bisavós.

⁸Matias Cardoso de Almeida era braço direito de Fernão Dias. Contratado pelo governo, retornou ao Norte de Minas com 600 homens para combater os caiapós que haviam bloqueado o rio São Francisco, impedindo a navegação. Em 1702, fundou Januária, São Francisco e São Romão. Os caiapós eram flecheiros muito valentes. Em Januária e em São Romão os combates foram sangrentos.

descobrir muito ouro em Sabará. Estava lançada a corrida do ouro nas Gerais: Sabará (1684), Pitangui (1694), Ouro Preto (1696), São José del Rey (hoje, Tiradentes), Caeté, Santa Bárbara, Mariana (1696), Serro do Frio (1701)...Mas, o aventureiro português não sabia minerar. A solução encontrada foi importar escravos especializados da Costa do Ouro⁹, o negro “mina”, tão diferente dos africanos importados para Recife, para a Bahia e para o Rio de Janeiro. Este escravo minerador, habituado ao trabalho duro na extração do metal, era mais circunspecto, não conhecia o candomblé e definiu nas Gerais a mineiridade¹⁰, característica marcante da população deste estado.

O africano importado para Salvador veio notadamente do Benin¹¹. Trouxe o candomblé, cujo sincretismo com a religião católica deu origem à umbanda. Era religioso e cumpridor dos deveres com os orixás. O escravo trazido para o Rio de Janeiro, de inúmeras etnias, era notadamente congolês: dançarino, festeiro, muito alegre e pouco afeito ao trabalho pesado.

Em Ouro Preto¹² há um exemplo marcante, Chico Rei, escravo importado, especialista em ouro, que pagou sua alforria com os resultados da mineração. Conseguiu libertar os seus, comprou e viabilizou uma mina já desativada, a Encardideira, ficou rico e liderou a construção da igreja de Santa Efigênia. Em 1720, por ocasião da rebelião liderada por Felipe dos Santos, o Conde de Assumar¹³ massacrou os revoltosos, queimou-lhes os assentamentos auríferos (no Morro da Queimada) e executou o líder do movimento, enforcado e esquartejado por quatro cavalos que lhe arrancaram os membros. Assumar tinha medo de Chico Rei, que era rico, poderoso e seria coroado no adro da igreja que tinha acabado de construir. “Rei, só o de Portugal” : o Conde quis impedir a coroação, mas Chico era protegido pela Igreja, à qual, mais do que todos, dava polpuda esmola.
-Quanto custava um escravo?

Veja outro trecho de Mãe África (p. 168 e seguintes):

“A unidade comercial de base do tráfico era a *peça-da-Índia*, definida como um negro adulto, de 15 a 35 anos,

⁹ Costa do Ouro, hoje, Gana. Tradicional produtor do metal desde o século VII.

¹⁰É abordado este tema no artigo O Ouro, O negro e a Mineiridade, encontrado em www.africamae.com.br.

¹¹ No Pelourinho, em Salvador, pode-se visitar o museu do Benin.

¹² Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto

¹³ Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos (1688-1756), Conde de Assumar, governador de Minas.

macho, de 1,62 m de altura, mais ou menos, sem nenhum defeito, de excelente saúde e sem membrana nos olhos. Para se assegurar desta última qualidade, recomendava-se tapar, alternadamente, os olhos da *peça* com a mão, enquanto que, com um dedo, ameaçava-se violentamente o olho descoberto como se o fosse vazar: as reações do servo testemunhavam a sua boa visão. A equivalência entre idade e sexo de cada *rês* era feita da seguinte forma: três crianças de 8 a 15 anos valiam duas *peças-da-Índia*; duas crianças de três a sete anos, uma *peça*; até três anos a criança completava a mãe.”

“No início do século XVII, em Camarões, na África Central, um escravo bem valorizado não custava mais que duas ou três medidas de vinho da Espanha ou dois punhados de búzios. Em Adamawa, nesse país, no início do século XIX, um servo valia uma cabra. No final do século XVIII, em Ouro Preto,¹⁴ pagava-se em torno de 72 gramas de ouro¹⁵ por um negrinho de 8 meses de idade, do sexo masculino; uma negra, na faixa dos 30 anos, mucama, custava perto de 260 gramas; um oficial carpinteiro, ferreiro ou sapateiro, de boa saúde, aos 35 anos, valia 500 gramas do precioso metal; um velho, ainda saudável, podia valer uns 40 gramas de ouro; uma mula de carga valia 50; um potro, 45; um cavalo bom, 180; uma refeição, de 0,4 a um grama; uma camisa de linho com seus babados, 4,8 g.”

Observe que o tráfico humano era muito lucrativo.

Os jesuítas participavam ativamente das comunidades como evangelizadores, educadores, confessores, comerciantes, produtores de bens e serviços, inclusive de serviços bancários¹⁶, ao invés de se limitarem a seus conventos como os monges da época. Desta forma, dois séculos após a sua criação, a Companhia de Jesus tinha se transformado na mais poderosa e influente ordem religiosa de todos os tempos. Os reis europeus, perdendo poder a cada dia, pressionaram o Papa para cassar os soldados de Cristo. Tanta pressão fizeram que, em 21 de julho de 1773, após quatro anos de hesitação, Clemente XIV editou a bula *Dominus Redemptur*

¹⁴Tarquínio Barbosa de Oliveira e Herculano Gomes Mathias, Autos da Devassa da Inconfidência Mineira, volume 6, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1976. Encontrei nos Autos o valor de leilão dos bens do inconfidente Inácio José de Alvarenga Peixoto, expresso em réis. Fiz a conversão para ouro quintado, que, na época, valia 1\$500 réis a oitava (de onça, ou 3,54369g). Ouro quintado, ou ouro do qual já se tinha pago o quinto, o mesmo que ouro legal. Atualmente, a onça possui 31,103478g, que é a onça troy.

¹⁵ Neste 22/04/2013 um grama de ouro vale cem reais.

¹⁶ O primeiro banco brasileiro, o Banco do Brasil, foi fundado em 1808 por D. João VI.

¹⁷extinguindo a Ordem dos Jesuítas. O impacto na educação foi enorme: 700 instituições de ensino e 600 bibliotecas foram fechadas em todo o mundo. No Brasil, a educação foi entregue a ninguém, com a expulsão desses religiosos pelo Marquês de Pombal¹⁸, Primeiro Ministro Português. Alguns reis europeus fizeram vista grossa¹⁹ e não deram apoio a esta ação da Igreja. Entretanto, passados quarenta e um anos, Pio VII reconheceu o erro cometido e restaurou a Ordem. Mas os jesuítas jamais recuperaram o prestígio e a organização produtiva que haviam montado em dois séculos de trabalho árduo. A expulsão dos educadores representou uma perda irreparável para a formação do povo brasileiro.

Em 1822, por ocasião da Independência, o Chefe do Conselho de Ministros, José Bonifácio de Andrada e Silva, considerava que o regime escravocrata deveria ser abolido paulatinamente²⁰ e implantado um programa de educação para todos, para que a nação saísse do atoleiro. Pois, aquela que teria sido a solução para a ocupação da terra, tinha se transformado em grande obstáculo ao desenvolvimento: 90% da população era analfabeta e tinha que continuar iletrada para viabilizar o regime de servidão.

A libertação dos escravos aconteceu 66 anos após a Independência. E uma população deseducada, despreparada, analfabeta foi abandonada à própria sorte. Desde então a ignorância têm inviabilizado o desenvolvimento da nação, trazendo êxodo para as grandes cidades, favelamento, tráfico de drogas, alta criminalidade, fome, miséria, epidemias, corrupção, leis de péssima qualidade e mazelas de todos os tipos. Nada funciona bem em um país de analfabetos.

Nos Estados Unidos, a libertação dos escravos se deu em 1863, pelo Presidente Abraão Lincoln. Mas com uma diferença fundamental e decisiva: a religião protestante, dominante na cultura americana, exige que

¹⁷Rodrigo Cavalcante, Revista SUPERINTERESSANTE, p. 91, Editora Abril, edição 317, abril de 2013.

¹⁸ Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal (1699 –1782), Secretário de Estado durante o reinado de D. José I (1750-1777), foi responsável pela expulsão dos jesuítas. Com o falecimento de Dom José I, passou a reinar Dona Maria I, tendo o príncipe Dom João como REGENTE. Dona Maria era muito católica e, com a expulsão dos jesuítas, passou a odiar o Marquês, que foi banido da Corte e impedido de se e aproximar do palácio real.

¹⁹ Catarina II, Imperatriz da Rússia e Frederico II, Rei da Prússia.

²⁰“O Sonho do Patriarca” trata deste assunto e pode ser encontrado no site www.africamae.com.br.

todos tenham e leiam a Bíblia, para conhecer a palavra de Deus, sem intermediários. Desta forma, a religião viabilizou a alfabetização dos fiéis, obrigados a ler e interpretar o texto sagrado traduzido para o inglês. Contrariamente, a religião católica, obrigatória no Brasil, não incentivou a leitura do sagrado, para que não fosse erroneamente interpretado. Aqui, as Bíblias em português (autorizadas pelo Vaticano a partir de 1819) eram raríssimas. O texto disseminado era a VULGATA²¹, em latim, que só os literatos entendiam. Mesmo assim, não era incentivada a sua leitura²².

Um século após a libertação dos escravos, foi promulgada a Constituição Cidadã, de 1988, que define a educação e a saúde como deveres do Estado. **É a primeira constituição brasileira a assumir esta responsabilidade, 166 anos após a Independência.**

O Bolsa-Família

O texto abaixo foi extraído do *site* do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome:

“O que é o Programa Bolsa- Família?”

É um Programa do Governo Federal para apoiar as famílias mais vulneráveis buscando acabar com a extrema pobreza, garantindo o direito à alimentação, à saúde, à educação e a conquista da cidadania (...)

O governo repassa o benefício financeiro diretamente às unidades familiares e elas assumem o compromisso de manter os filhos na escola e fazer o acompanhamento de saúde das crianças, adolescentes e gestantes.

O Programa Bolsa-Família englobou os anteriores: Bolsa-Escola, Bolsa -Alimentação, Cartão-Alimentação e Auxílio-Gás.

²¹ VULGATA, quer dizer, escrita em latim vulgar, falado pelo povo. O Concílio de Nicéia, em 325, determinou que os cristãos deveriam seguir um único texto bíblico. Coube a São Jerônimo, Doutor da Igreja, reunir os escritos válidos sobre a vida de Jesus, formatando o Novo Testamento. Quatro evangelistas foram escolhidos, os textos foram traduzidos para o latim e numerosos escritos foram destruídos.

²² A Inquisição sempre foi contra a tradução da VULGATA para evitar más interpretações do texto sagrado.

O que fazer para participar do Bolsa- Família?

Para fazer parte do Programa (...) é preciso ter os dados de todos os familiares registrados no Cadastro Único. O Cadastro é feito pelo setor responsável pelo PBF no município, que é o responsável por localizar os mais carentes e mandar as informações para o Governo Federal. Estar cadastrado não significa garantia de receber o benefício. Para ser contemplada, a família precisa aguardar que o sistema analise as informações e verifique se ela se enquadra nos critérios do Programa. Atualmente, podem ser beneficiadas as famílias com renda mensal por pessoa até setenta reais, com ou sem crianças; e aquelas com renda mensal por pessoa entre setenta e cento e quarenta reais, que tenham crianças e adolescentes na sua composição.

Quais são as Condicionalidades do Bolsa- Família?

Quando a família passa a receber o benefício, ela assume compromissos de manter todos os seus membros acompanhados pelas áreas da saúde e da educação. Cumprir esses compromissos faz parte das regras para permanecer no Programa. Educação: para continuar recebendo o benefício, a família deve matricular e acompanhar a frequência escolar das crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos. No caso das crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos, a frequência mínima exigida é 85%; e para os jovens de 16 e 17 anos, 75%.

Saúde: a família deverá cumprir os cuidados básicos em relação à saúde, ou seja, cumprir com o calendário de vacinação, para as crianças entre 0 e 6 anos e com a agenda pré e pós-natal para as gestantes e mães em amamentação.”

Em 1994, o Bolsa-Escola foi implantado no município de Campinas, em São Paulo, pelo prefeito José Roberto Magalhães Teixeira, do PSDB, como um programa de transferência de renda cujo objetivo era pagar uma bolsa às famílias de jovens e crianças de baixa renda como estímulo para

que frequentassem regularmente a escola. A federalização deste programa foi realizada em 2001 pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, dentro do Ministério da Educação. Em 2003, já beneficiava 5 milhões de unidades familiares quando foi incorporado ao recém-criado Bolsa-Família, pelo ex-presidente Lula. Neste 2016, serão beneficiadas 14²³ milhões de núcleos familiares, atingindo diretamente mais de quarenta milhões de carentes. O programa é gerido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e deverá custar 28 bilhões de reais, que representam 0,94% do orçamento da República ou cerca de 5,8% dos juros que o governo brasileiro paga aos bancos para a rolagem da dívida interna.

Como benefícios atingidos podemos citar:

- matricula escolar acima de 99% das crianças, incluindo as do meio rural;
- erradicação do flagelo da fome; fixação do homem em seu local de origem evitando o êxodo para a cidade grande e suas graves consequências.

Analisemos o aspecto que diz respeito à educação.

Não há como alfabetizar uma criança faminta ou de pais famintos. E não dá para esperar a implementação de programas de geração de renda. Há que se matar a fome e alfabetizar aqui e agora. Este aspecto dos programas sociais implantados, a meu juízo, fala mais alto. A fome gera o analfabetismo, a subserviência, o êxodo rural, a migração desordenada para os grandes centros urbanos, o crescimento das favelas, o aumento da criminalidade, a implementação do tráfico; o entulhamento de processos no Judiciário, o congestionamento das filas nos hospitais, o voto “de cabresto”, a corrupção e a explosão da população carcerária. Pior ainda: gera tudo isso ao mesmo tempo.

Por ser inusitado e inovador, o Bolsa-Família é polêmico e objeto de ácidas críticas:

- muitos acreditam que esta distribuição de recursos incentive a indolência, a inutilidade e beneficie o ócio: é o bolsa-preguiça;

²³ www.mds.gov.br. Orçamento da República: 3 trilhões de reais; juros da dívida interna: 484 bilhões de reais; orçamento do bolsa-família: 28 bilhões. Dados do orçamento de 2016, na Câmara. O programa distribui, em média, R\$167,00/por família por mês. (dados do orçamento de 2016)

-muitos necessitados são alcoólatras e desviam parte do benefício para a bebida: é o bolsa-cachaça;

-algumas crianças não têm frequentado a escola com a regularidade exigida, sem que suas bolsas sejam canceladas; as anotações de frequência são falseadas pelas autoridades ligadas ao ensino municipal para que a bolsa seja mantida, pois todos sabem que o corte dos recursos significaria a volta da fome, que é uma mazela ainda pior do que a falsidade tolerada; infelizmente muitos pais não possuem nenhuma noção de ética, de educação, de civilidade ou de respeito e nada fazem para que o filho seja educado; esta constatação faz com que a estatística de frequência escolar em nível de 99% seja mentirosa;

-a educação ministrada tem sido de baixíssimo nível; muitos pais deseducam a criança, não apoiando o esforço do professor, cuja autoridade é minada pelo Estatuto do Adolescente; segundo todos os educadores ouvidos, sem exceção, este é o maior obstáculo: pais ignorantes²⁴ e o Estatuto do Adolescente que não valoriza a disciplina.

Mesmo sendo de baixo nível, em longínquos grotões aparecerão crianças-prodígio, futuros cientistas, filhos de analfabetos, de ex-famintos, felizes milagres tão inacreditáveis quanto verdadeiros. Afinal, do limo nasce a flor.

Recentemente li a pungente história do Dr. Mario Capecchi, geneticista, Prêmio Nobel de medicina em 2007. Nascido em Verona, no Norte da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, filho de um piloto no front, teve sua mãe presa pela Gestapo e levada para o Campo de Concentração de Dachau. Foi abandonado nas ruas aos quatro anos de idade. Integrou-se ao bando das crianças famintas. Especializou-se no furto de comida, tendo percorrido toda a Itália como ladrão até ser encontrado pela mãe aos 13 anos de idade, quando foi alfabetizado. Muito bem humorado, refere-se à infância dizendo que estava sempre com fome: esta a lembrança mais profunda.

Em São Francisco, no pobre e carente Norte de Minas, onde vivo, não mais existem mendigos. A rodoviária local era cheia de meninos implorando por um pão. Isto acabou. Em uma década o Programa trouxe benefícios inacreditáveis. Nunca sonhei que a enorme fome brasileira, incluindo a do

²⁴ *Corvus columbam non parit*, já diziam os latinos: o corvo não gera a pomba. A ignorância não gera o conhecimento.

Nordeste, pudesse ser erradicada em tão pouco tempo e de forma tão simples: repartindo uma migalha do pão.

Por outro lado, nem tendo uma descomunal competência se consegue gerar empregos nestas regiões carentes. As empresas escolhem praças mais desenvolvidas para se estabelecerem. E contratam mão-de-obra qualificada, nunca analfabetos ou famintos.

Muitos acreditam que os benefícios sociais distribuídos pelo governo devam ter duração limitada. Caso contrário, teremos criado um “saco-sem-fundo”. O “saco-sem-fundo” já foi criado. Como os benefícios são muito significativos, acredito que o Programa deva permanecer e evoluir com as circunstâncias que vão surgindo.

Apesar do Brasil ser uma superpotência agrícola, quase todos os setores de nossa economia funcionam mal: portos ineficientes; aeroportos ainda piores; ferrovias inexistentes; rodovias cheias de extensos atoleiros; a área educacional e a administrativa em todos os níveis funciona aos trancos e barrancos; a estrutura hospitalar é catastrófica; a penal, a jurídica e a fiscal estão embrulhadas em um cipoal de leis muitas vezes idiotas, inúteis ou prejudiciais; a previdenciária se salva, pode-se dizer. Se analisarmos em profundidade, constatamos que o estigma do analfabetismo está por traz do mau funcionamento de todas as nossas instituições, como um freio invisível bloqueando-lhes a eficiência. Desde a Independência, ao invés de avançarmos, temos patinado no imenso atoleiro da não educação.

O analfabetismo gera a má governança: este o maior obstáculo. Analfabeto elege analfabeto. Nossas casas legislativas são recheadas de “tiriricas”, iletrados em diferentes graus.

Albert Einstein dizia que o conhecimento se assemelha à superfície de uma esfera: quanto maior, maior o contato com o desconhecido, e vice-versa; desta forma, aqueles que sabem muito, se acreditam ignorantes; e aqueles que conhecem pouco, se creem sábios. Por isso a ignorância é audaciosa. E a sapiência cheia de cautelas.

Revirando meus escritos, descobri este texto, enviado a uma leitora:

“Nossos políticos possuem uma visão muito curta!
Desconhecem outras culturas! Não têm ideia do que se
passa no Planeta. Por isso, acreditam que nosso sistema de

leis seja perfeito! Procedem como se o Oriente inexistisse. Criticam a África por não ser democrática. Criticam o mundo árabe porque possui muitos principados. Mas, se esquecem de que a cidade do Rio, por exemplo, é governada, de fato, por vários reis: os príncipes da droga, riquíssimos, autocratas...os reis das milícias, superpoderosos, além do governador que finge governar; do prefeito sem poder; de inúmeros juízes, desembargadores e autoridades que fingem estar cumprindo a lei.

-Que lei? A lei votada na Câmara?

Esta é cumprida contra gente humilde, pequenos comerciantes e vagabundos miúdos de todos os tipos. Entretanto, se a lei fosse mais simples, teria mais chance de atingir a todos. Mas, como poderia ser simples se é elaborada por um batalhão de pessoas?..! Quando uma tarefa é delegada a tantos, ela deixa de ser realizada. As empresas só funcionam porque trabalham com um mínimo de empregados. Temos um número muito grande de legisladores. Assim, nossas leis são “elaboradíssimas”. Possuem meandros inacreditáveis. E a justiça não se faz. O arcabouço jurídico foi montado por milhares de pessoas que discutiram anos a fio. Não é nada prático. Um veículo não funciona com mais de um motorista. Assim é cada atividade humana. Seria necessário desinchar as casas legislativas. Reduzir drasticamente o número de vereadores, deputados e senadores. Muita gente é garantia de ineficiência! Assim, não há como ter leis simples e boas”.

O ex-presidente Lula tem sido muito criticado por ser o Bolsa-Família um programa eleitoreiro carreando milhares de votos para os políticos que o apoiam. E sendo a população carente tão numerosa e tão necessitada, o seu patrono tem sido endeusado como nenhum outro político brasileiro. Lula mandou às favas o capitalismo, ao fazer a opção pelos pobres e as grandes escolas de economia, no mundo inteiro, devem ter tremido nas bases com essa inversão da pirâmide. Esta visão invertida em um mundo capitalista, a meu ver, se originou de duas causas principais:

-primeira: o ex-presidente é de origem muito humilde, um simples retirante, iletrado como todos: e a ignorância é muito audaciosa;

-segunda: viveu na infância o flagelo da fome, conhecendo profundamente a realidade dos carentes; ao institucionalizar a opção pelos famintos, certamente lembrou de sua infância no Nordeste, de seus amiguinhos corroídos pela necessidade.

Não acredito que alguém possa entender a fome sem tê-la sentido. Por isto não critico o ex-presidente por sua visão socialista.

-E agora, caro leitor: estamos no caminho certo?

Pensando positivamente, o Brasil terá feito a síntese entre o capitalismo e o socialismo, viabilizando a opção pelos pobres dentro de um sistema regido pelo capital, o que é inédito no mundo. Na realidade, se tudo der certo, teremos erradicado a escravidão e a ignorância como sonhava o Patriarca²⁵ em 1822.

Fidencio Maciel, em maio de 2013.

²⁵José Bonifácio de Andrada e Silva, O Patriarca da Independência. Ler O SONHO DO PATRIARCA, no site www.africamae.com.br, já citado.